



As vozes e a construção de sentido no jornal *Zero Hora* na cobertura do incêndio da *Boate Kiss*¹

Vanessa Costa de OLIVEIRA²

Hélio Afonso ETGES³

Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, RS

RESUMO

Este artigo apresenta a pesquisa que teve como objeto de estudo três textos da edição do dia 28 de janeiro de 2013 do jornal *Zero Hora*, um dia depois do incêndio na *Boate Kiss*. Ela buscou identificar as vozes existentes nesses textos, bem como o sentido explícito e implícito deles. E, com isso, compreender o discurso do jornal na cobertura do primeiro dia do que se convencionou chamar *tragédia*. Para que fosse possível essa análise, foram trabalhados os conceitos de jornalismo, e também os métodos utilizados na produção de notícias. Observou-se ainda a teoria sobre linguagem jornalística e tragédia. Por meio da análise de discurso francesa foi possível identificar que *ZH* teve um discurso falsamente plural. Já na construção de sentidos *ZH* foi objetiva, pois manteve um distanciamento do acontecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; *Zero Hora*; Análise de Discurso; Incêndio na *Boate Kiss*.

Introdução

No jornalismo se convencionou chamar de *tragédia* os acontecimentos que envolvem um grande número de mortos, catástrofes, acidentes graves e crimes que chocam a sociedade. O termo tem origem na literatura e no teatro da Grécia clássica, mas foi ampliado para a compreensão que se tem hoje de um acontecimento que desperta horror e sofrimento nas pessoas. O fazer jornalístico muda nessas situações. O trabalho de cobertura tende a ser mais complicado pela falta de tempo e pelas circunstâncias investigativas e emocionais com as quais os jornalistas trabalham.

O *acordar* do dia 27 de janeiro de 2013 pode ser figurativo. Os brasileiros, mais especificamente os gaúchos, não apenas despertaram do sono: acordaram para a falta de prevenção contra incêndios em locais públicos e privados. A notícia dava conta do incêndio em uma casa noturna, a *Boate Kiss*, em Santa Maria, interior do Estado. O

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de maio de 2014.

² Aluna do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, UNISC. E-mail: nessa.costa.oliveira@gmail.com.

³ Professor orientador do trabalho, Curso de Comunicação Social, UNISC. E-mail: helioetges@yahoo.com.br.



número de mortos confirmados só aumentava, as especulações sobre culpados também. De acordo com o que foi divulgado, pouco antes das 2 horas começou o incêndio, durante a apresentação do grupo musical Gurizada Fandangueira. O fogo teria sido causado por um sinalizador que, ao entrar em contato com a espuma isoladora de som, fez com que o fogo se alastrasse rapidamente.

Esta pesquisa buscou identificar o discurso do jornal *Zero Hora* na cobertura do incêndio da *Boate Kiss*. O material de análise é composto por três textos, publicados na edição do dia 28 de janeiro de 2013: a primeira edição após o incêndio. Por meio da análise de discurso pretendeu-se interpretar e identificar a pluralidade de vozes e de sentidos presente neles. Compreender, também, por meio do discurso do jornal, como eles cumpriram com sua função de bem informar a sociedade. A cobertura de grandes acontecimentos que geram comoção pelas circunstâncias que os cercam são momentos muito específicos no jornalismo e merecem atenção científica.

1 Jornalismo: a difusão de notícias

As pesquisas em jornalismo existem desde 1690, ano de defesa da primeira tese apresentada na área, de Tobias Peucer, na Universidade de Leipzig, na Alemanha. Ele define o jornalismo, os *relatos periodísticos*, como a exposição dos fatos, ocorridos recentemente, por meio das notícias. Em sua tese, Peucer ensaia uma classificação desses acontecimentos: “[...] misturam coisas de temas diferentes, como acontece na vida diária ou como são propagadas pela voz pública, para que o leitor curioso se sinta atraído pela variedade de caráter ameno e preste atenção” (PEUCER, 2004, p. 16).

O jornalismo surgiu paralelo ao desenvolvimento das relações capitalistas, com o objetivo de controlar e reproduzir a sociedade burguesa, tratando-se a informação de um patrimônio universal. Dentro de um contexto de alteração histórica dos sentidos humanos, “o jornalismo é a cristalização de uma nova modalidade de percepção e conhecimento social da realidade através da sua reprodução pelo ângulo da singularidade” (GENRO FILHO, 2012).

O seu foco deve ser a coleta de informações precisas e aprofundadas. A comunicação tem, portanto, um importante papel do ponto de vista político e social. O jornalismo definido como comunicação útil, aquela que noticia todos os acontecimentos relevantes para a sociedade, é defendida por Jorge Pedro Sousa (2001):



O jornalismo é, portanto, uma modalidade de comunicação social rica e diversificada. Não há um jornalismo. Há *vários* jornalismo, porque também há vários órgãos jornalísticos, vários jornalistas, várias pessoas que podem ser equiparadas a jornalistas, vários contextos em que se faz jornalismo. (SOUSA, 2001, p. 15).

Teoria e prática precisam andar lado a lado para que os estudos no jornalismo tenham validade. Genro Filho (2012) considera que se a teoria não condiz com a prática, então há algo de errado na teoria. Ele classifica o jornalismo como o resultado de um processo que envolve uma reprodução simbólica, sendo, assim, a imediatividade o ponto de chegada. Ora, se a teoria deve corresponder à prática e não o contrário, Kovach e Rosenstiel (2003) estão no caminho certo. Baseados em conhecimentos empíricos, eles definem que: “O jornalismo é simplesmente o sistema criado pelas sociedades para fornecer as notícias. Por isso nos preocupamos com a natureza das notícias e do jornalismo de que dispomos: influenciam a qualidade de nossas vidas, nossos pensamentos, nossa cultura” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 18).

Se de um lado há pesquisadores que partem da prática, outros utilizam a própria teoria para criar conceitos. Para Traquina (1999), o jornalismo trata-se de uma atividade profissional difícil e complexa, baseada em determinar quais são os acontecimentos que figuram na agenda de preocupações da sociedade e, portanto, temas importantes da opinião pública. E também uma atividade preocupada em definir os significados dos acontecimentos, fornecendo informações suficientes para que o público possa compreendê-lo. No entanto, o autor não desconsidera a prática:

O jornalismo [...] é um alvo fácil de criticar. Afinal, os jornalistas são frequentemente obrigados a elaborar a notícia, a escrever a <<estória>>, em situações de grande incerteza, com falta de elementos, confrontados com terríveis limitações temporais, pressionados pela concorrência dos outros órgãos de informação. (TRAQUINA, 1999, p. 12).

Nas operações científicas diárias, nem sempre se observa uma interação das ciências com a sociedade, sendo o jornalismo, também, um mediador nesse contexto. Ele tem a tarefa de superar as barreiras de comunicação que aí se interpõem e vincular as diferentes formas de conhecimento (KUNCZIK, 1997). Por isso Beltrão (1992, p. 65) o classifica como “uma atividade essencial à vida das coletividades, como uma instituição social que, no mundo moderno, assume posição da mais alta relevância”. Fazer jornalismo, antes de qualquer coisa, é disponibilizar informação.



2 Cobrindo uma tragédia

Noticiar tragédias é um fato recorrente no jornalismo. De acordo com Traquina (2005), o trágico desperta interesse do público desde os primórdios do jornalismo. O verbete é apresentado como

tragédia *s.f.* (sXV) 1 TEAT na antiga Grécia, peça em verso, em que figuram personagens ilustres ou heroicos e a ação, elevada, nobre e própria para suscitar o terror e a piedade, termina por um acontecimento funesto 2 TEAT peça, ger. em verso, cuja ação termina de ordinário por acontecimentos fatais 3 TEAT o gênero trágico 4 *fig.* Ocorrência ou acontecimento funesto que desperta piedade ou horror; catástrofe, desgraça. (HOUAISS, 2009, p. 1863).

A etimologia da palavra *tragédia* está, de certa forma, distante da compreensão que se tem hoje sobre o termo. Azevedo e Martins (2008) explicam que a ideia de tragédia foi ampliada em decorrência do desenvolvimento das manifestações literárias. Não se refere mais somente ao teatro. Agora passou a servir como sinônimo de situações em que o cotidiano é surpreendido por uma calamidade com grande abrangência social. Tragédia é hoje “como o acontecimento imprevisto e irreversível que transforma nossas vidas através do sofrimento. É um momento de espanto!” (CODATO apud SANTOS, 2002, p. 73). Fatos inesperados comovem e até aterrorizam a sociedade, muitas vezes, independente do número de vítimas, mas sim com relação à sequência e ao contexto do acontecimento.

A teoria mostra, no entanto, que a valorização da cobertura de acontecimentos dessa natureza não é recente. Traquina (2005) analisa três períodos históricos e encontra o valor-notícia tragédia em todos eles. O historiador Mitchell Stephens, nas primeiras décadas do século XVII, identificou o insólito como um dos principais valores-notícia. Destacavam-se os acontecimentos espantosos e extraordinários à época como catástrofes, milagres e feitiçarias. No segundo momento analisado, período entre 1830 e 1840, predominavam os fatos sensacionalistas. Foi quando entrou em cena a *penny press* que priorizava matérias de interesse humano com ênfase no sensacionalismo. O último período analisado compreende o ano de 1967 e a década de 1970, onde se destacavam: “1) os crimes, escândalos e investigações; 2) os protestos violentos ou não, 3) os desastres; e 4) o insólito” (TRAQUINA, 2005, p. 68).

Não há uma receita sobre como deve ser a cobertura de uma tragédia e assim como não há reflexões científicas sobre o que seria uma cobertura de tragédia ideal, a não ser o que toca o sensacionalismo, que não é objeto desta pesquisa. É preciso considerar os fatores atípicos desses trabalhos como o acontecimento inesperado, a falta



de tempo e, muitas vezes, o caos que se instala no local do ocorrido. Para compreender o trabalho de cobertura realizado por *ZH*, é importante ressaltar o carácter regional exercido pelo jornal.

3 O trabalho de *ZH* no primeiro dia de cobertura do incêndio na *Boate Kiss*

A *ZH* costuma montar o que se chama de *força-tarefa de cobertura*. Lopes (2013)⁴ explica que em situações atípicas, como no caso do incêndio da *Kiss*, os melhores repórteres de cada editoria se unem e trabalham juntos naquela cobertura. Com parte da equipe em Porto Alegre e parte em Santa Maria, a edição do dia 28 de janeiro, analisada por esta pesquisa, começou a ser organizada na tarde de domingo. A orientação dos editores aos repórteres era de textos sóbrios e respeitosos, que visassem esclarecer o fato aos leitores. Lopes (2013), que tem experiência em coberturas de tragédias como repórter (como no terremoto do Haiti, por exemplo), destaca a importância do trabalho da equipe que ficou na capital gaúcha. Para ele, o distanciamento emocional permitiu a organização dos trabalhos.

A cobertura da *ZH* seguiu três linhas específicas (VARGAS, 2013)⁵. As informações e fontes eram buscadas no intuito de abordar na edição de segunda-feira o atendimento das vítimas e das famílias dos que morreram, as investigações oficiais e o trabalho investigativo do jornal; e a cidade, o trauma, a busca da recuperação. Vargas (2013) destaca como função do jornal, naquele momento, informar da forma mais rápida e mais correta possível. Já Lopes (2013) diz acreditar na função social do jornalismo de, em um momento de dor como o incêndio em Santa Maria, ajudar as pessoas, por meio de informação, a superar aquele momento difícil.

A equipe de *Zero Hora* que estava em Santa Maria contou com a estrutura, e também equipe, do *Diário de Santa Maria*. Apesar de terem características específicas, por serem do mesmo grupo, os jornais acabaram trabalhando juntos ao longo do dia. No entanto, as edições dos jornais foram organizadas de forma individual, uma vez que o público leitor não era o mesmo, assim como a função do veículo impresso naquele momento.

⁴ Rodrigo Lopes é editor de Geral da *Zero Hora*. Na cobertura do incêndio da *Kiss*, ele ainda exercia a função de editor de capa. Coordenou, junto a Marta Gleich, diretora de redação do jornal, os trabalhos via redação em Porto Alegre.

⁵ Nilson Vargas é editor-executivo do jornal *Zero Hora*. Trabalhou na cobertura do incêndio da *Kiss* via Santa Maria.



4 Metodologia da pesquisa

A pesquisa analisa a cobertura do incêndio na *Boate Kiss*, em Santa Maria, que levou 242 pessoas a óbito, feita pelo jornal *Zero Hora*, publicada na edição do dia 28 de janeiro, um dia após o acontecimento. Para a análise, usou-se como base a análise de discurso (AD). Esse é o principal método de pesquisa, na intenção de compreender como o jornal narrou os fatos daquele domingo, 27. Analisou-se o discurso de três textos jornalísticos. A opção por eles foi feita a fim de restringir o volume de material a ser analisado e para abordar três dos principais momentos do dia 27: o incêndio, a espera dos familiares por notícia e o início dos funerais. Entende-se que este recorte corresponde ao que foi o dia 27 de janeiro de 2013 em Santa Maria. Compreende-se, também, que se trata de um recorte feito dentro de uma edição temática, que em sua totalidade, sim, tratam do episódio como um todo. Por meio de uma pesquisa qualitativa, foi feita uma revisão bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas com editores e repórteres dos jornais, a análise de discurso dos textos.

5 O discurso de ZH

Apresenta-se a seguir uma síntese da análise realizada nos três textos. À luz da AD francesa, primeiro foram identificadas as vozes existentes nos textos, para constatar a presença ou não da polifonia, e, posteriormente o sentido encontrado neles, por meio do que se chama na análise de discurso de dito, não dito e silêncio. Para a análise, considerou-se a teoria estudada, os conceitos da AD e também os esclarecimentos de ZH, concedidos por meio de entrevista para esta pesquisa. Por discurso jornalístico se compreende aquilo que é dito sobre a realidade, a construção e a interpretação dos acontecimentos diários.

5.1 A pluralidade de vozes na cobertura do incêndio da Boate Kiss

O discurso só é discurso quando aquilo que está sendo dito é atribuído à responsabilidade de um sujeito que manifesta a sua ideologia acerca do que está dizendo (MAINGUENEAU, 2001). Apesar de sujeito e locutor terem conceituações diferentes, o primeiro sempre vai ter uma voz dentro do texto e, portanto, também irá cumprir o papel de locutor. Na polifonia, o intuito é mostrar que em um único discurso pode haver



outros tantos discursos, constituídos por meio de diferentes vozes. No jornalismo, essa pluralidade deve ser constituída por meio das fontes.

Para compreender se determinado texto é polifônico ou monofônico, é preciso identificar as vozes que constituem o discurso. Em geral, as matérias jornalísticas devem apontar divergências de opiniões, construídas por meio da enunciação de diferentes fontes. No **texto 1 - ZH**, uma vez que não consta assinatura, de acordo com a prática jornalística, a responsabilidade do texto passa a ser dos editores. É deles a voz principal do texto. De acordo com o princípio de autoria, defendido por Orlandi (2001, p. 78), na representação do sujeito como autor, que se cobra ser tanto a origem, quanto a fonte, do discurso. Essa mesma situação, de não constar assinatura no texto, também é observada no **texto 3 - ZH**. Lopes (2013) justifica esse fato:

Nós colocamos um repórter na redação aqui em Porto Alegre para compilar tudo o que tinha acontecido e tudo o que ele estava lendo. Às vezes entrava alguma informação pela rádio de alguma coisa, às vezes entrava uma notícia pela internet e fica tudo muito picotado. O repórter, lá em Santa Maria, não vai escrever um texto. Ele vai ligar para a redação com as informações e declarações que conseguiu. E o jornalista aqui, junta tudo e faz um texto, mais completo. Nessas horas não tem como o repórter que está lá, parar, e ‘agora vou escrever o texto’.

O que se observou no **texto 1 – ZH** foi a ausência de citação das fontes, de forma ainda mais evidente do que nos outros textos, que citam uma ou outra. Claramente, pessoas foram consultadas para obter as informações que constam no texto, mas não há indicação dessa origem. Mesmo assim, foi possível identificar os diferentes locutores. Observou-se, no parágrafo 1, a presença de dois locutores, grifados no texto, sendo **L1** o responsável pelo texto, o sujeito, e **L2** e **L3**, fontes consultadas, por exemplo.

O Rio Grande do Sul despertou ontem dentro do pior dos pesadelos. Um pesadelo do qual não era possível acordar. O absurdo tornara-se realidade. O mundo estava sangrando por Santa Maria (**L1**). Havia 233 mortos e mais de uma centena de feridos no incêndio na Boate Kiss, no centro da cidade (**L2**) – a maior tragédia que o Estado já teve de enfrentar (**L3**).

O locutor, como dito no capítulo 5, pode ser identificado por variadas marcas, sejam elas o jornalista que assina ou não assina (e repassa a identificação ao veículo), a fonte citada ou não citada (BENETTI, 2007). Ao longo do texto, outros locutores puderam ser identificados, em meio à enunciação de **L1**. O **L4** classificou-se como uma fonte testemunhal (SCHMITZ, 2010), aquela que detém informação por ter presenciado o fato, no caso, algum sobrevivente do incêndio.



Pouco depois das 2h, durante uma apresentação do grupo musical Gurizada Fandangueira, um sinalizador lançado como parte do espetáculo fez arder a espuma para isolamento acústico que reveste o teto da boate. [...]. Eram centenas de rapazes e moças no local, talvez mais de mil. [...] eles só tinham uma chance de viver: alcançar a única porta do estabelecimento, com cerca de dois metros de largura (**L4**).

Observou-se ainda, mais três locutores, num total de sete. Mas, se de um lado, há uma pluralidade de locutores no primeiro texto selecionado de *ZH*, de outro, porém, observou-se apenas um enunciador. Diferente dos locutores, eles expressam seu ponto de vista, sua posição e sua atitude por meio da enunciação, sem necessariamente falarem. Eles expõem um posicionamento em relação ao acontecimento observado (BRANDÃO, 2012). O **E1** do texto apresentou uma cidade do interior do Rio Grande do Sul de luto, em decorrência do incêndio que matou - até o momento em que o texto foi escrito - 233 jovens e constrói um cenário de horror. “Converteu o Rio Grande do Sul, desde a madrugada de ontem, no lugar com maior concentração de tristeza do mundo” (**E1**).

O **texto 2 – ZH**, diferente dos outros dois, foi assinado. Quem o assina e, conseqüentemente, assume a responsabilidade de sujeito locutor 1 do texto, é o jornalista Humberto Trezzi. Benetti (2007) lembra, porém, que mesmo quando o texto é assinado, o veículo de comunicação possui responsabilidade pelo que é publicado. Tem-se, assim, o **L1**. Nesse caso analisado o sujeito cita as fontes e dá voz a elas, o que pressupõe um discurso polifônico, num total de cinco locutores identificados.

- Médico, médico! – gritam desesperados, os parentes da senhora, que acaba de reconhecer o filho de 20 anos como um dos mais de 200 mortos na tragédia da danceteria Kiss (**L2**).

- Meu filho, meu filho! Eu quero meu filho, tragam meu filho de volta! (**L3**).

- O Exército me convocou. Eu não estava de plantão, mas tinha de ajudar. Conheço gente que estava na boate (**L4**).

Identificaram-se dois enunciadores. Um apresenta um cenário de caos, dor e sofrimento no Centro Desportivo Municipal. O outro, pelo contrário, destaca a rede de solidariedade formada por voluntários que foram até o local para ajudar no que fosse possível, desde atendimento aos familiares e amigos dos mortos até cuidar das doações que chegavam e fazer exames nos corpos.

A maioria dos voluntários nem conhecia vítimas e, mesmo assim, se dispôs a sair do conforto caseiro para o cenário de guerra em que se transformou o



centro de Santa Maria na madrugada de domingo (**E2**). [...] Gritos, lágrimas e desmaios se sucediam, em sequência (**E1**).

Um discurso só é polifônico quando mais de um enunciador é identificado. E no jornalismo só há pluralidade e diversidade quando o discurso for efetivamente polifônico (BENETTI, 2007). No caso analisado, a complexidade fica pelo fato de **E1** e **E2** serem perspectivas diferentes de um mesmo locutor. Portanto, tem-se um discurso polifônico no **texto 2 - ZH**. Essa variante dos enunciadores vai ao encontro daquilo que diz a teoria, sobre o jornalismo ser uma representação da realidade. Para Chaparro (2009, p. 3), o jornalismo só se aproxima de fato dos conceitos e do processo do conhecimento, se souber usar os diversos tipos de fontes em “combinações inteligentes”.

No **texto 3 - ZH**, o quadro do primeiro texto se repetiu. Identificou-se apenas um enunciador (**E1**) entre os locutores. Esse enunciador é o sujeito que diz que o caos gerado pelo incêndio na Kiss, em Santa Maria, no início da manhã, se estende até o final do dia e a manhã de segunda-feira, em decorrência da falta de estrutura para a realização de tantos velórios e enterros. Dessa forma, o texto se caracterizou como monofônico, pois apenas um ponto de vista foi apresentado. No entanto, dez locutores foram identificados.

Se pelo viés dos enunciadores o texto é um falso plural (BENETTI, 2007), por outro lado, no que toca à identificação das vozes dos locutores, há sim uma polifonia. Para Brandão (2004), ela pode ocorrer tanto no nível do locutor quanto no do enunciador. Assim, pode-se afirmar que, de acordo com o que defende a autora, os três textos de *ZH* são polifônicos, pois apresentam mais de um locutor nos seus enunciados. Já pela perspectiva de Benetti (2007), que concentra seus estudos de AD no jornalismo, apenas um texto é polifônico e os outros falsamente plurais, ou monofônicos, já que, apesar de apresentarem inúmeros locutores, eles possuem um enunciador, aquele sujeito da consciência.

5.2 O dito, não dito e o silêncio nos textos de *ZH* e *DSM*

As palavras ganham sentido de acordo com a forma com que são empregadas nos enunciados. Orlandi (2001) apresenta a técnica do dito e não dito pela perspectiva de Ducrot. Ele separa o que da linguagem (dito) para o que pode ser interpretado (não dito). O posto sempre traz junto o pressuposto e, muitas vezes, ainda o silêncio. Por meio da linguagem, como mostra Motta (2004), se transmite informação e também



sentimentos. O **texto 1 – ZH** inicia com o discurso explícito de que a notícia do incêndio na *Boate Kiss* chegou aos gaúchos ainda pela manhã e que chocou a todos. Esse é o dito do enunciado.

O Rio Grande do Sul despertou ontem dentro do pior dos pesadelos. Um pesadelo do qual não era possível acordar. O absurdo tornara-se realidade. O mundo estava sangrando por Santa Maria.

Já o não dito é identificado pela interpretação do implícito. Nessa camada discursiva, o *despertar* remete ao perceber a precariedade dos sistemas de prevenção contra incêndio e vulnerabilidade a que todos estão submetidos quando se trata do assunto. *O pior dos pesadelos* tem um sentido ruim. Sabe-se que o sonho é o positivo e o pesadelo, o negativo. Cabe questionar que pesadelo é esse e se ele realmente é o pior deles. E então o enunciado se contradiz. Primeiro o Estado desperta, depois é impossível acordar. Por pesadelo também se entende algo irreal, que não existe. Mas na sequência, o sujeito do texto fala em realidade. Motta (2004) destaca que para produzir sentido, o emissor articula um jogo de linguagem e cita como exemplo as figuras de linguagem, que podem ser percebidas em *o mundo estava sangrando por Santa Maria*. O enunciado produz um sentido de pessoas, não necessariamente do mundo todo, que estariam sofrendo. Trata-se de um sentido figurado.

O incêndio na *Boate Kiss* foi tratado por ZH por *Tragédia de Santa Maria*. De acordo com a teoria apresentada, a tragédia é uma calamidade com grande abrangência social e que envolve um grande número de mortos.

[...] a maior tragédia que o Estado já teve de enfrentar.

Neste enunciado do **texto 1 – ZH**, o sujeito mostra o incêndio na casa noturna como a maior tragédia do Rio Grande do Sul. A abrangência social é impossível medir. De outro lado, o número de mortos era bastante expressivo, cerca de 230 contabilizados ainda no domingo. Mas o Estado já passou por diversas revoluções, por exemplo, onde morreram mais pessoas. O texto silencia os critérios utilizados para caracterizar como tragédia o acontecimento e, ao fazê-lo, emite opinião e não informação. No 2º parágrafo desse texto, o sujeito usa a expressão espetáculo, para se referir à apresentação que deu início ao fogo. O termo também remete a *tragédia*, mas àquela primitiva, com origem nas apresentações teatrais. Esse dito, de um cenário de horror e tristeza, permeia outros enunciados.



Como se vê, o discurso é pleno de possibilidades de interpretação. Para Benetti (2007), o jornalista constrói o texto e direciona o leitor para determinado sentido. De acordo com a autora, sempre que problematizado pelo viés da linguagem, o objetivo do jornalismo de relatar fielmente os fatos se torna ilusório. O **texto 2 – ZH** apresenta diversos sentidos.

[...] o maior desastre já ocorrido no país desde a década de 1960.

Esse dito, ao contrário do texto anterior, não fala em *tragédia*, mas em desastre. Nele, o leitor é informado, por meio dessa primeira camada discursiva, de que há mais de 50 anos o Brasil não vivia um grande desastre. O não dito deixa implícito que, portanto, o incêndio na *Kiss* é o segundo maior desastre entre os brasileiros. É silenciado, no entanto, o que caracteriza um desastre e o que faz do ocorrido em Santa Maria o maior deles nesse século. Se o leitor acompanha as histórias trágicas do país, interpretaria o enunciado de uma outra forma. Compreenderia que o emissor se refere a desastres envolvendo incêndios, já que o incêndio com maior número de mortos registrados no país foi no Gran Circo Norte-americano, em Niterói, em 1961⁶, onde mais de 500 pessoas morreram⁷. Observa-se o trecho abaixo.

Gritos, lágrimas e desmaios se sucediam, em sequência. Um vaivém desesperado que incluía o uivo da sirene das ambulâncias, a gritaria de policiais e o entra e sai de agentes funerários, trazendo mais cadáveres. Todos jovens que a tragédia ceifou.

O que se transmite com a primeira camada do enunciado não é o mesmo que se interpreta na segunda camada discursiva. Nela, o não dito reforça o cenário de horror. Ao se referir a *gritos, lágrimas e desmaios*, o emissor cria um sentido de sofrimento coletivo, já que eles eram em *sequência*. No entanto, é silenciado de onde eles vinham, quem eram essas pessoas. Outros questionamentos emergem deste enunciado. Apenas as funerárias carregaram os cadáveres? Há, em Santa Maria, funerárias suficientes que dessem conta da demanda? É silenciado, ainda, quantos voluntários estavam envolvidos. Diferente dos dois textos anteriores, o **texto 3 – ZH** tem um discurso uniforme.

Os corpos das vítimas do incêndio na boate Kiss, em Santa Maria, ainda eram reconhecidos quando, no mesmo local, o Centro Desportivo Municipal (CDM), já se iniciava o velório coletivo de alguns dos mortos [...].

⁶ VENTURA, Mauro. *O espetáculo mais triste da terra: o incêndio do Gran Circo Norte-Americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁷ Nunca se confirmou um número exato de mortos.



O dito dá conta do início dos velórios. O não dito, por sua vez, é identificado por meio de palavras-chave. O *ainda* e o *já* criam um discurso de agilidade. Ao usá-los, o emissor diz, na camada discursiva do implícito, que no CDM a identificação dos corpos estava sendo rápida e eficiente. Esse discurso se mantém ao longo de toda a notícia, com o uso de expressões como *desde cedo* e *ontem mesmo*, que se repetem. Esse outro enunciado complementa o discurso.

Mesmo com o espaço disponível para os velórios, muitos familiares decidiram procurar outros locais para a realização das cerimônias ou enterrar as vítimas nas cidades de onde eram provenientes.

Fica explícito que nem todos os corpos foram velados nos locais disponibilizados e que outros foram levados para suas cidades de origem. Mas ao analisar bem a linguagem utilizada, percebe-se a intenção de dizer que se nem todos foram velados em Santa Maria, foi por opção própria, pois as funerárias, cemitérios e comitê de crise organizaram os locais de tal maneira que houvesse lugar para todos. E, assim, reforça a interpretação anterior de que o discurso mostra a eficiência dos serviços no município. Contudo, cabe analisar o motivo de as famílias não optarem pelos velórios coletivos. Há um silêncio no texto com relação a isso. Trata-se, em geral, de cerimônias privadas, em que a família chora a sua tristeza. Talvez um dos motivos, de algumas famílias não quererem o coletivo, tivesse sido justamente a vontade de privacidade e também para não corroborar a tristeza das outras famílias.

Considerações finais

Em qualquer área do conhecimento, a teoria orienta, direciona. Mas quando vista pelo viés da prática é que ela se complementa. Havia no discurso do jornal um sentido de pertencimento e aproximação com o leitor. A *Zero Hora* reforçou a identidade gaúcha na tragédia e mostrou, de forma muito sutil, a agilidade e a eficiência com que tudo foi providenciado ainda no domingo. É como se dissesse que essa organização é uma característica do Rio Grande do Sul.

Zero Hora foi plural, do ponto de vista da AD, em apenas um dos três textos, o que evidenciou uma intenção implícita de reforçar o sentido de horror em torno do incêndio da *Kiss*. Dessa forma, foi identificado apenas como um falso plural, já que deu espaço para diferentes locutores, mas que possuíam a mesma perspectiva, sendo, assim, monofônico.



Os sentidos presentes nos textos, identificados por meio da interpretação do dito, não dito e silêncio, evidenciaram informações descontraídas, nas duas camadas discursivas. De um lado, mostra que pode ter faltado apuração por parte dos jornalistas, de outro comprova o que disseram Vargas e Lopes sobre a rotina da cobertura: tudo precisava ser rápido, as informações mudavam de uma hora para outra e não havia tempo para uma apuração mais eficaz. Por ter uma equipe grande o suficiente para dividi-la em Porto Alegre e Santa Maria, *ZH* conseguiu um discurso mais objetivo, ou seja, que nessa situação não se deixou levar tanto pela emoção.

O que aparece como falta de apuração pode ter chegado até à redação, mas por falta de espaço, ou ainda, pela falta de percepção do redator, tais informações tenham sido silenciadas. Apesar de os discursos enfatizarem a unanimidade gaúcha, houve vítimas de outros Estados como Pará e Rio de Janeiro. Ao supervalorizarem o estadual, o jornal excluiu do acontecimento ou outros estados brasileiros. É inegável que o jornal se solidarizou com os envolvidos na *tragédia*. O acontecimento era complexo, mas real, e por isso decifrável jornalisticamente.

A comoção generalizada foi criada por *ZH*. Nos textos analisados, a comoção foi causada por meio da história dos mortos e de suas famílias. Eles ganharam voz, enquanto os vivos foram silenciados. Os indícios dizem que cerca de mil pessoas estavam na *Kiss* naquela noite. Sendo assim, cerca de três quartos sobreviveram. A *tragédia* poderia ser maior. E isso não foi dito nem deixado implícito. O lado positivo foi trabalhado pelo viés da solidariedade, mas que de alguma forma estava ligada aos mortos. A vida foi silenciada, enquanto as histórias de reencontros dos sobreviventes com suas famílias poderiam igualmente ilustrar os textos **1** e **2**, pelo menos.

Algumas questões emergiram deste estudo e suscitam novas pesquisas. A principal delas é o fato de o material acerca de coberturas de *tragédias* ser escasso, quase nulo. O encontrado, quase não trata de condições de trabalho e de como resolvê-las. Os trabalhos científicos em torno do tema sempre envolvem o sensacionalismo e muitas vezes de forma leviana. Mesmo com tantas *tragédias* no país e sabendo que esse se trata de um dos principais e mais antigos critérios de noticiabilidade e, portanto, interessa e causa curiosidade no leitor, a academia parece não visualizar essa imensa área para pesquisa. É preciso considerar que, embora a teoria sugira que o bom jornalismo é aquele objetivo, que não emite opinião e que não mostra a presença do repórter - ainda que este cenário esteja mudando -, ele é feito por pessoas e não por



máquinas. E por terem esta condição humana, sentem, sofrem e se contagiam com a circunstância em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, Luiz. *Iniciação á filosofia do jornalismo*. São Paulo: Com-Arte, 1992.
- BENETTI, Márcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C; BENETTI, M (Org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis; Vozes, 2007. p. 107-122.
- BRANDÃO, Helena.. Enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli (Org.). *Comunicação e análise de discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.
- DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. São Paulo: Summus, 1986.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2012.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
- KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. São Paulo: Edusp, 1997.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 2006.
- LOPES, Rodrigo. *O trabalho de ZH, via redação em Porto Alegre, na cobertura do incêndio na Boate Kiss*. Entrevistadora: V. C. Oliveira, 2013. 1 arquivo de áudio digital (40 minutos). Entrevista concedida à pesquisa *As vozes e a construção de sentidos: uma análise do discurso dos jornais Zero Hora e Diário de Santa Maria na cobertura do incêndio na Boate Kiss*.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Jogos de linguagem e efeitos e sentido da comunicação jornalística. *Estudos em jornalismo e mídia*, v.1, n.2, p. 13-30, 2º semestre de 2004.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.
- PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. *Estudos em jornalismo e mídia*, v.1, n.2, p. 13-30, 2º semestre de 2004.



SANTOS, Volnei Edson dos. *O trágico e seus rastros*. Londrina: Editora UEL, 2002.

SCHMITZ, Aldo Antonio. *Classificação das fontes de notícias*. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos de jornalismo e mídia*, Florianópolis: Insular, v.2, n.1 p. 104-105, 2005, 1º semestre de 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos do jornalismo*. Publicado em 2001. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impreso.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2013.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____(Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1999.

_____. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

VARGAS, Nilson. *O trabalho de ZH em Santa Maria na cobertura do incêndio na Boate Kiss*. Entrevistadora: V. C. Oliveira, 2013. 1 arquivo de texto. (9.775 caracteres). Entrevista concedida por e-mail à pesquisa *As vozes e a construção de sentidos: uma análise do discurso dos jornais Zero Hora e Diário de Santa Maria na cobertura do incêndio na Boate Kiss*.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2009.

ZERO HORA, Porto Alegre, ed. 17.278, 28 de janeiro de 2013, ano 49.